

Entrevista com o historiador Serge Gruzinski¹

Anos 90: Por que o senhor decidiu estudar O México?

Serge Gruzinski: Minha trajetória começou com um interesse pela realidade latino-americana. Meu primeiro contato foi através dos filmes de Glauber Rocha. A descoberta de personagens como *Antonio das Mortes*, em *“Deus e o Diabo na Terra do Sol”* (1964) foi muito forte. Nessa época, eu estava estudando a história das mentalidades, tendo palestras com Le Roy Ladurie, Paul Ricoeur. Foi essa realidade latino-americana, sobretudo brasileira que me interessou, por todo o seu sincretismo. A decisão de fazer uma pesquisa sobre o México ocorreu no final dos anos 60. Foi, na realidade, o fascínio exercido pela realidade brasileira, em seus aspectos religiosos, políticos e etnográficos. No entanto, o contato material com o Brasil nessa época era quase impossível. Era mais fácil voar até o Peru ou México, com a introdução dos primeiros *“charters”*. Nessa época decidi fazer uma viagem para o México. Na ocasião estava fazendo uma tese para a École Nationale de Chartres, escola que preparava para comissões de conservatórios. A minha tese era sobre problemas econômicos, sociais e culturais dos Países Baixos no século XVI. Não tinha nada que ver com a realidade latino-americana.

Então, apaixonado pela realidade latino-americana, decidi fazer uma viagem para descobrir a América Latina. Era também a época de Che Guevara, uma época muito revolucionária, utópica.

Meu dinheiro era suficiente para comprar uma passagem, chegar até o México e descobrir aquele país que me fascinou muito. Decidi mudar completamente a orientação de minhas pesquisas. Ao invés de seguir trabalhando sobre o Norte da França (Flandres), comecei a fazer uma pesquisa com título gigantesco: *“O Processo de aculturação no México Colonial”*, com um professor de Paris I, François Chevalier. O Professor Chevalier foi muito importante para nós. Pioneiro na história econômica do México Colonial com uma tese magnífica sobre os latifúndios da região no período colonial.

A minha idéia era fazer um trabalho de história cultural. A temática era a da aculturação, também precisamos lembrar que era época de Nathan Wachtel: *“A visão dos vencidos”*. Era também o início da história das mentalidades e dos primeiros momentos da Antropologia Histórica. Eu achava que finalmente na América Latina, no México, eu poderia articular arqueologia, a história dos índios, a história colonial e a Antropologia. Quero dizer

¹ Realizada pelos professores Eduardo Neumann e Temístocles Cezar, em Paris, 16 de fevereiro de 2000, na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).

que era para mim como que um laboratório ideal para combinar estes aspectos. Isso era muito mais difícil de fazer na Europa porque não existia a tradição da antropologia.

Antes de começar minha pesquisa, pude viajar para Roma. Foram dois anos em Roma pesquisando em arquivos romanos sobre o México que comecei minha pesquisa. Depois passei um ano em Sevilha antes de chegar à *Casa Velazquez*.

Em seguida, passei oito anos no México fazendo estas pesquisas, com um tipo de visão aberta e reflexiva sobre os processos de aculturação. O produto desta pesquisa foi a "*Colonização do Imaginário*" que é um resumo da tese. A tese é uma obra muito maior, mas para ser publicada em francês tive que cortar, que abreviar textos. Antes desse livro eu escrevi outro menor, com o título de "*Os homens deuses do México*".

Anos 90: Fazia parte da tese?

Serge Gruzinski: Não. Quando vivi na Itália, tive a sorte de conhecer um italiano que tinha uma pequena casa editorial que me propôs escrever um livro. Um livro qualquer com liberdade absoluta. Para mim, isso foi uma coisa fabulosa. Decidi utilizar parte do meu material sobre esses profetas índios mexicanos. Isso me permitiu escrever este livro "*Homens Deuses do México*". Um livro publicado em italiano, depois em francês e em espanhol, na Cidade do México. Em 1986, terminei a tese e dois anos depois publiquei com a Editora Gallimard. Depois da tese e da publicação, me dei conta que parte do

livro era algo que não me satisfazia mais, porque não tinha dado atenção a todo um aspecto da realidade mexicana. Quero dizer com isto que dei muita importância aos textos, à escrita e à passagem dos códices da escrita pictográfica mexicana pré-hispânica à escrita alfabética.

A partir dessa constatação, passei a trabalhar com o problema da imagem. Da imagem como instrumento de conquista e colonização, mas também da imagem como resposta ao processo de colonização. Era uma parte importante da realidade histórica do México.

Então escrevi outro livro, intitulado "*A guerra das Imagens*". Foi uma maneira de completar e corrigir "*A Colonização do Imaginário*". Teria de fazer, não a mesma pesquisa, mas seguir mais ou menos a mesma trajetória, enfocando a pesquisa sobre a problemática da imagem e a imposição da imagem ocidental cristã. A reação dos índios. A passagem da imagem renascentista, a imagem maneirista, a imagem barroca etc... Era como uma segunda parte da tese.

Depois paralelamente a esses dois livros que correspondem a pesquisas pessoais, escrevi com Carmen Bernard dois livros, um já publicado pela EDUSP: "*A História do Novo Mundo*". Estes são uma coisa totalmente distinta, constituem uma visão sintética de todo continente Americano. Decidimos desenvolver este projeto em 1991/1992 no contexto das celebrações do Descobrimento da América com a idéia de não escrever uma História da

América Latina, mas pretendíamos pensar o continente americano no seu conjunto. Quer dizer, a América Espanhola também tem o segundo volume da Portuguesa, mas também Canadá e Estados Unidos, para não seguir com a tradição de fazer História da América Latina ou História Nacional. E hoje já temos dois volumes publicados. A USP está fazendo a tradução para o português do segundo volume. Foi outra experiência muito difícil. O desafio de dominar um território gigantesco e, sobretudo de pensar ao mesmo tempo situações completamente distintas, como o trópico dos pecados do Brasil, o do Canadá, ou da Nova Amsterdã, com os Holandeses. E uma empresa que não terminamos, que espero possamos continuar, mas que exige um trabalho enorme, gigantesco. De assimilação dos dados e construção de uma visão de conjunto da história da América e não da América Latina.

Anos 90: Paralelamente, o senhor também publicou um outro livro: *“América: a Conquista pintada pelos Índios do México”*.

Serge Gruzinski: Eu escrevi 12 livros. Mas esses, particularmente, são livros onde a relação de imagem e texto... São livros de divulgação e livros de imagens de “luxo”, feitos em 1992. Um livro sobre os códices mexicanos da época colonial. São livros para mostrar como os índios viram a conquista do México e a elaboração, a construção da sociedade colonial espanhola no México. E o outro livro, publicado dois anos depois era um livro mais espe-

cializado sobre os conventos mexicanos, o renascimento do século XVI. As pinturas produzidas pelos índios também são imagens híbridas, mestiças. Eu queria ver como se fazia a mescla entre a tradição ocidental e a tradição pré-hispânica com material visual.

A guerra das imagens quase não tem material visual. Esses livros são complementares sobre esta fabulosa riqueza cultural que são todas imagens feitas conseguidas pintadas, enfim no México do século XVI.

EN/TC: *“O Pensamento Mestiço”* (Cia das Letras) pode ser pensado como o resultado de toda esse conjunto de trabalhos que o senhor vem desenvolvendo ao longo desses anos?

Serge Gruzinski: Bom, como uma etapa, e como uma vontade de ver as coisas de maneira mais complexa. Depois de escrever um livro sobre a *“Guerra das Imagens”* queria refletir mais sobre as imagens. Então, a possibilidade de fazer os dois livros bonitos de imagens me permitiu aproximar mais das imagens, ter uma reflexão mais precisa, fundamental. Nestes livros de luxo, considero impossível desenvolver uma análise aprofundada e muito sofisticada. Então utilizei as análises para este livro... É possível voltar a escrever um livro de texto denso para poder aprofundar as análises sobre estas imagens e também para introduzir outras problemáticas e também para corrigir problemáticas anteriores. Desta maneira, a *“Guerra das Imagens”* expressa a vontade de

corrigir coisas da “*Colonização do Imaginário*”. Também “*O Pensamento Mestiço*” volta a ver as coisas de maneira um pouco distinta, um olhar de outros campos. Estou fazendo outro livro agora também com outra visão dessas coisas.

Anos 90: A historiografia francesa ou boa parte dela, na qual o senhor se insere, jamais abriu mão de trabalhar com documentos. O senhor trabalha com o arquivo da forma mais tradicional possível e ainda assim incorpora o uso da imagem, da imagem não como uma mera ilustração. Como acontece com boa parte da historiografia, onde a imagem é simplesmente um desenho colado para ilustrar o que o texto disse e muitas vezes de forma absolutamente anacrônica ou completamente desconexa. O senhor poderia nos falar um pouco da relação entre fontes, documentos e imagens? A questão da imagem como fonte a partir da sua experiência...

Serge Gruzinski: Em primeiro lugar, quero esclarecer que a minha relação com a historiografia francesa é muito particular. A minha relação é muito maior com a historiografia mexicana. O fato de estudar a história do México também me fez descobrir os antropólogos e os etno-historiadores de México colonial. Eu passei muito tempo fora da França. Saí de Paris em 1973 e voltei somente em 1985. Passei oito anos no México. No México encontrei uma posição completamente justificada de contrariedade à historiografia francesa. Para ser aceito

pelos mexicanos, para lecionar no México eu tive que aprender com os mexicanos. A idéia de interessar-me pelas imagens foi uma decorrência de minha estada no México. Estou completamente de acordo com a crítica à historiografia francesa. Quando me convidaram, a primeira coisa que entendi é que deveria esquecer Braudel, Duby... Explicar as coisas interessantes a partir do que aportavam os mexicanos. Por isso me surpreendeu muito a nossa ignorância sobre esta historiografia americana ou latino-americana que, afinal de contas, tem muito mais que ver com a historiografia do Brasil do que com métodos concebidos para a micro-história italiana ou francesa. Então, não quero ser associado com esta historiografia francesa. Ao contrário, para voltar a problemática das imagens a minha atenção sobre as imagens parte de uma constatação. O fato de ver que em um país como o México, na atualidade, o meio de transmissão de comunicação é muito mais a imagem do que a palavra. Também no passado colonial isso acontecia, porque os índios falavam suas línguas, os africanos falavam línguas africanas, e porque finalmente a comunicação lingüística era uma coisa bastante reduzida. O meio fundamental de comunicação na sociedade colonial era a imagem. Através das imagens, estes grupos podiam se comunicar ou se enfrentar, estabelecer conflitos ou compromissos. Neste sentido, a experiência mexicana contemporânea, além do fato de entender que finalmente na época colonial a

comunicação escrita e oral eram sumamente limitadas. Isto me deu a pista para fazer pesquisa sobre as imagens nas sociedades. Então, isto não é uma transferência da metodologia européia, mas que é uma coisa que descobri no México, como também a problemática da aculturação, não é a problemática de Wachtel. A minha dívida é com uma escola historiográfica mexicana, muito mais do que outra qualquer. O fato de trabalhar o México foi também como uma forma de reação contra os *callejones*, as ruas sem saída da historiografia francesa ou italiana desses finais dos anos setenta e dos anos oitenta.

Anos 90: Neste sentido, o que o senhor pensa de projetos como da historiografia da vida privada no Brasil?

Serge Gruzinski: Acho que o historiador tem que expressar as coisas que ele pensa, o que acha. É uma empresa muito interessante, sem equivalente na América Espanhola. Acho que o volume II teve maior êxito, pois se pode falar em vida privada a partir do século XIX. Na época colonial falar em vida privada é muito difícil. Outro aspecto interessante é a capacidade de reunir grupos de historiadores com um tema comum. Há muita informação, há coisas extremamente importantes, sobretudo no segundo volume. Uma coisa que não concordo, não tanto como francês mas como historiador mexicanista, é essa idéia de transferir um projeto francês, europeu para a realidade brasileira; tenho a impressão

de que seria mais interessante criar projetos brasileiros, mais adaptados à especificidade brasileira. Falar da vida privada na época colonial no México é impossível. Não existe vida privada, talvez exista no Brasil colonial, mas aí há o problema da relação com os modelos historiográficos. É fabulosa a capacidade dessa empresa, a Companhia das Letras. Por outra parte, corre os riscos dos mimetismos, de repetir no contexto latino-americano as problemáticas que talvez não sejam as melhores para explorar a sociedade colonial brasileira.

Anos 90: Empresa semelhante foi realizada pelos uruguaios, só que eles tiveram o cuidado de chamar "*Histórias da Vida Privada*", no plural, e começaram em 1780, no final do século XVIII (a ocupação do Uruguai é um pouco anterior), agregando o subtítulo: "*Honra e desordem*". Portanto, já fugiram desta problemática dos anos iniciais da colonização. Começaram no final do XVIII, e me parece que os resultados foram mais positivos.

Serge Gruzinski: Eu falei com os autores que conheço bastante bem do primeiro volume da vida privada no Brasil. Eles fizeram o que podiam, o que tinham da problemática global, eles tinham que fazer a parte colonial, mas como falar em vida privada no período colonial, sobretudo sem ter todo documento, material... Outra crítica que poderia fazer, não contra a historiografia brasileira, mas como historiador. Acho que existem coisas mais prioritárias como uma boa história institucional da época colo-

nial; talvez exista uma e seja minha ignorância. Ou uma boa história que concerne aos elementos básicos, dados básicos a partir dos quais torna-se possível fazer a história da vida privada ou da família, ou a história demográfica. Existem aspectos que até hoje não foram explorados, que concernem à forma de história muito mais tradicional, menos sedutora que a história da vida privada, para entender o passado de um país.

Anos 90: Como o senhor vê as comemorações sobre os 500 anos de Brasil?

Serge Gruzinski: Eu não quero opinar sobre as relações dos portugueses e brasileiros. Mas é muito estranho ver a facilidade com que os brasileiros aceitam a idéia de ter sido descobertos há tantos anos. Talvez seja minha ignorância, mas chama a minha atenção a maneira tão fácil de aceitar essa celebração como uma coisa normal. Como vocês sabem, na América Espanhola os 500 do descobrimento provocaram reações muito importantes. No México é completamente impossível pensar em celebrar essas coisas. Ao contrário, na

Cidade do México, para festejar os 500 anos, convidaram os índios da América, Canadá e Brasil, para dançar sobre a *Plaza Mayor*, que era o centro do Império Azteca. Fizeram uma manifestação indígena... Chamava minha atenção que a *Televisa*, equivalente da *Rede Globo*, tampouco quis participar da celebração. Então, no terreno pessoal, acho que é uma oportunidade magnífica para desenvolver, repensar a relação colonial. Não somente entre Portugal e Brasil, mas entre o Brasil e a América Espanhola e Portugal. Temos que aproveitar essa oportunidade. Aceitar o fato das celebrações, mas questionar todos os elementos de manipulação comercial e políticos que possamos imaginar por trás desses eventos, que me parecem muito perigosos. Particpei de um congresso em Lisboa em novembro sobre a relação entre Portugal e Brasil. Chamou muito minha atenção a falta de crítica. Não quero dizer com isso que tenha que haver rechaço, mas aproveitar esse momento para com muita lucidez dizer que o que significou a colonização portuguesa. Inventar novas visões das relações entre estes países.